

FONTE : Correio Brasileiro

CLASS. : _____ 15

DATA : 27 03 89

PG. : 7

Luta pela terra domina encontro

DILMA TAVARES
Correspondente

Rio Branco — Os conflitos de terras foram o principal assunto debatido no final de semana no II Encontro Nacional de Seringueiros e I Encontro dos Povos da Floresta, que começou sábado e encerra dia 31, em Rio Branco. Índios, seringueiros, castanheiros e outros integrantes de classes extrativistas de quase todas as regiões do Acre, além de representantes do Pará, Amazonas, Amapá, Rondônia e Bahia, denunciaram explorações e perseguições e defenderam a criação das reservas extrativistas.

O encontro, que tem por objetivo a definição de propostas para o desenvolvimento e preservação da Amazônia, foi aberto pelo seringueiro Júlio Barbosa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de

Xapuri, e pelo índio Uanauwa, Manoel Roque, que usando seus trajes típicos percorreu o ginásio de esportes Alvaro Dantas, onde ocorre o evento e em seguida falaram de suas atividades e suas lutas, além da necessidade de união para vencer os problemas. Ao final, o pajé e cacique Kampa, Lopes Davui, fez uma pajelança, cantando o Mariri, para abençoar o encontro.

Muitos dos participantes do encontro levaram até cinco dias de viagem para chegar a Rio Branco. Quase todos têm problemas semelhantes e lutam pelas reservas extrativistas. Seringueiros de Guajará-Mirim (RO), por exemplo, trouxeram um abaixo-assinado apoiando o projeto.

Revelaram que depois da idéia de criação das reservas, eles vêm sofrendo represálias por parte dos

patrões que baixaram, inclusive, o preço do quilo da borracha de NCz\$ 1 para NCz\$ 0,80, além de suspenderem a própria venda de alimentos para os seringueiros nos barracões onde eles são obrigados a comprar durante o inverno.

Os delegados do Amapá defendem também a criação das reservas naquele território, sendo três no Cajari e outras três no Jari. O líder da tribo Mayuruna, do Amazonas, Genival de Oliveira dos Santos, além de apoiar a luta dos seringueiros, quer a regularização fundiária de áreas na região do médio Solimões — oeste do Amazonas — abrangendo seis nações indígenas e que já foram delimitadas e demarcadas, segundo revelou.

O fato é que todos esperam conseguir estes objetivos com a união dos povos da floresta, que é a proposta do encontro.

Seringueiros temem conflitos

Rio Branco — Poderá haver conflito de terra entre seringueiros e patrões na região do seringal Paraíso (localizado a um dia de viagem, via fluvial, de Rio Branco), caso continue a extração de madeira na área. A informação é dos seringueiros Raimundo Aprígio da Silva (líder da Força Sindical Ferramenta, que representa os trabalhadores rurais da capital do Acre), Olívio José Ferreira e Gerson Lopes da Silva.

Eles, que estão participando do II Encontro Nacional dos Seringueiros e I dos Povos da Floresta, explicam que os seringueiros da região estão revoltados com a grande derrubada de madeira naquela região e poderão até fazer um "empate" (impedimento da derrubada da floresta através da ocupação da área a ser desmatada — medida iniciada pelo sindicalista assassinado, Chico Mendes), para impedir o desmate.

Gerson Lopes explicou que os madeireiros — que segundo garantem, não se

identificam para os seringueiros — começaram grandes derrubadas na área mas por problemas em uma ponte, não conseguiram tirar todas as toras e pretendem fazer o serviço tão logo o problema seja resolvido. Porém, os seringueiros ficaram revoltados com o desmatamento e decidiram que não serão retiradas nem as árvores derrubadas nem as que estão intactas.

INDENIZAÇÃO

Explicaram, inclusive, que os madeireiros chegaram a oferecer NCz\$ 1 por árvore derrubada, "mas discordamos, porque não queremos acabar com a floresta e porque somos posseiros da região há 30 anos e quando eles compraram aquelas terras, elas já nos pertenciam pois foram pagas com nosso trabalho", afirma.

Conforme disseram, o perigo do confronto está no fato de os madeireiros terem afirmado que voltariam para retirar a madeira de qualquer forma. Os

que não consentissem seriam indenizados e quem não aceitasse receberia 20 hectares de terra, cada um. "Só que não queremos isso. Queremos nossas terras porque as seringueiras ficam muito dispersas e com apenas 20 hectares em locais que possivelmente eles escolherão, não poderemos explorá-las", licam.

Os seringueiros denunciaram ainda que mais uma floresta deverá ser derrubada em breve. Parte dela estaria a 24km de Brasília — 241 km de Rio Branco —, onde estaria programada a derrubada de 300 hectares para formação de pastagens. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Julio Barbosa, somente no seringal Boca do Lago (aproximadamente no km 50 BR-317) estaria programada a derrubada de 900 alqueires de floresta "e o sindicato está estudando como impedir os desmatamentos", explica ele, adiantando que muita madeira nobre da região já está sendo derrubada pelos madeireiros.